

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

***ALCILENE E. CAMPOS RODRIGUES***

**ANÁLISE EXISTENCIAL E A LOGOTERAPIA DE VIKTOR  
EMIL FRANKL COMO FERRAMENTAS PARA O  
ACONSELHAMENTO BÍBLICO E AS CONTRIBUIÇÕES DA VISÃO  
INTEGRACIONISTA DE GARY R. COLLINS.**

**São Paulo**

**2009**

**ALCILENE E. CAMPOS RODRIGUES**

**ANÁLISE EXISTENCIAL E A LOGOTERAPIA DE VIKTOR  
EMIL FRANKL COMO FERRAMENTAS PARA O  
ACONSELHAMENTO BÍBLICO E AS CONTRIBUIÇÕES DA VISÃO  
INTEGRACIONISTA DE GARY R. COLLINS.**

Dissertação apresentada a Universidade  
Presbiteriana Mackenzie em cumprimento  
às exigências do Programa de Pós-  
Graduação em Ciência da Religião para  
obtenção do Grau de Mestre.

**Orientador: Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araujo Gomes**

**São Paulo**

**2009**

**ALCILENE E. CAMPOS RODRIGUES**

**ANÁLISE EXISTENCIAL E A LOGOTERAPIA DE VIKTOR  
EMIL FRANKL COMO FERRAMENTAS PARA O  
ACONSELHAMENTO BÍBLICO E AS CONTRIBUIÇÕES DA VISÃO  
INTEGRACIONISTA DE GARY R. COLLINS.**

Dissertação apresentada a Universidade  
Presbiteriana Mackenzie em cumprimento  
às exigências do Programa de Pós-  
Graduação em Ciência da Religião para  
obtenção do Grau de Mestre.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. João Batista Borges Pereira  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Pazinato  
Universidade São Francisco

## RESUMO

Este trabalho parte do pressuposto que os métodos psicológicos, embora sejam elaborados a partir de uma visão centrada no homem e, na maioria dos casos, rejeitem completamente a idéia de Deus, não podem ser desprezados em seu todo, pois, em maior ou menor grau, fornecem elementos que podem e devem ser utilizados no contexto do aconselhamento bíblico. Mesmo algumas vertentes mais radicais, que chegam até a negar a existência ou a necessidade de qualquer espiritualidade para o ser humano, contêm elementos que apontam para buscas que são comuns ao aconselhamento. A inter-relação psicologia–aconselhamento permanece até certo ponto velada, atualmente, devido à da resistência de boa parte dos proponentes do Aconselhamento Bíblico que insistem em rejeitar qualquer utilização dos sistemas seculares. Há momentos, entretanto, que ela se torna manifesta com maior ou menor clareza e o empreendimento de esforços para listar e verificar a aplicabilidade destes “pontos de contato” se faz necessária. Deve-se, para tanto, retomar a cooperação ocorrida no final do século 19 e expandir este estudo às vertentes surgidas durante o século 20. Neste sentido, considera-se, no presente trabalho, a aplicabilidade do sistema logoterapêutico, defendido pelo psicólogo existencialista Viktor Emil Frankl, como ferramenta de apoio ao cuidado pastoral, considerando as contribuições do modelo de aconselhamento e da visão integracionista de Gary R. Collins.

**PALAVRAS-CHAVE:** Métodos Psicológicos; Aconselhamento Bíblico; Sistema Logoterapêutico;

## **ABSTRACT**

This work starts with the presupposition that the psychological methods, though they are prepared from a vision centered in the man and, in most of the cases, reject completely the idea of God, they cannot be disregarded in their totality, because, anyway, they provide elements that can and must be used in the context of the biblical counseling. Even some more radical subdivisions, which even deny the existence or the necessity of any spirituality for the human being, contain elements that point out searches that are common to the counseling. The inter-relation psychology-counseling remains, to a certain extent, nowadays, isolated, due to the resistance of part of the Biblical Counseling proponents that insist in rejecting any use of the secular systems. However, there are some moments, that it is shown with more or less understanding and making efforts to list and to check the applicability of these “points of contact” is necessary. For that, it is needed to reconsider the cooperation occurred in the end of the nineteenth (19<sup>th</sup>) century and to develop this study to the slopes appeared during the twentieth (20<sup>th</sup>) century. In this sense, it can be considered, in this work, the applicability of the Logotherapy system, defended by the existentialist psychologist Viktor Emil Frankl as a useful tool to the pastoral care, considering the contributions of the counseling model and Gary R. Collins’ integrationist point of view.

**KEYWORDS:** Psychological Methods; Biblical Counseling; Logotherapy system.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 6  |
| <b>1 VIKTOR FRANKL, A ANÁLISE EXISTENCIAL E A LOGOTERAPIA</b> ..... | 10 |
| 1.1 ANTECEDENTES.....   | 10 |
| 1.2 FUNDAMENTOS.....  | 13 |
| 1.3 ANÁLISE EXISTENCIAL E LOGOTERAPIA.....                          | 14 |
| 1.4 APLICABILIDADE DA ANÁLISE EXISTENCIAL.....                      | 21 |
| <b>1.4.1 Neuroses Coletivas</b> .....                               | 21 |
| <b>1.4.2 Cura Médica de Almas</b> .....                             | 22 |
| <b>1.4.3 Neuroses Noógenas</b> .....                                | 24 |
| <b>1.4.4 Terapia Não-Específica</b> .....                           | 25 |
| 1.4.1.1 Intenção Paradoxal.....                                     | 25 |
| 1.4.1.2 Derreflexão.....  | 26 |
| <b>2 GARY R. COLINS E O ACONSELAMENTO BÍBLICO</b> .....             | 28 |
| 2.1 O DESENVOLVIMENTO DO CUIDADO PASTORAL.....                      | 28 |
| 2.2 INTEGRACIONISMO.....  | 29 |
| 2.3 TÉCNICAS BÁSICAS DE ACONSELHAMENTO.....                         | 32 |
| 2.4 RECONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA.....                                 | 36 |
| <b>3 A ANÁLISE EXISTENCIAL E O ACONSELHAMENTO</b> .....             | 38 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....  | 43 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 45 |

## INTRODUÇÃO

As psicologias seculares, embora sejam elaboradas a partir de uma visão centrada no homem e, na maioria dos casos, rejeitem completamente a idéia de Deus, não podem ser desprezadas em seu todo, pois, em maior ou menor grau, fornecem elementos que podem e devem ser utilizados no contexto do aconselhamento bíblico. Entende-se, como Roger F. Hurding, que “as metodologias cristãs fundamentam-se no mesmo repositório de sabedoria e de conhecimento dentro da ordem criada, em que se baseiam os sistemas seculares” (1995, p.458), e que mesmo algumas vertentes mais radicais, as quais chegam a negar a existência ou a necessidade de qualquer espiritualidade para o ser humano, contêm elementos que apontam para buscas que lhes são comuns. Esta idéia é o foco do presente trabalho e, a partir dela, são apresentados elementos para listar e verificar a aplicabilidade dos “pontos de contato”.

Atualmente, a inter-relação psicologia–aconselhamento permanece até certo ponto velada devido à da resistência de boa parte dos proponentes do Aconselhamento Bíblico que insistem em rejeitar qualquer utilização dos sistemas seculares. Entretanto, há momentos em que ela se torna manifesta com maior ou menor clareza, de modo que se pode considerar, como Hurding, que “embora o cuidado pastoral tivesse constituído parte importante e intrínseca da vida do povo de Deus desde os dias do Antigo Testamento, pode-se afirmar que o zelo demonstrado pela igreja sempre esteve sujeito à psicologia predominante na época” (1995, p. 245).

Ainda é relevante, nos dias contemporâneos, a cooperação explícita entre o “cuidado pastoral” e a psicologia. Esta cooperação, que remonta aos finais do século XIX e compreendeu tanto o empréstimo por parte dos pastores de elementos da psicologia, como o incentivo de certos psicólogos a um exame atento da experiência religiosa (HURDING, 1995, p. 247), deve ser estudada, no início do século XXI, em relação às linhas de estudo surgidas durante o século XX. Se em alguns pontos estas novas linhas pareceram afastar-se mais da perspectiva bíblica, em outros, abriram novas portas e braços de conexão com a perspectiva espiritual.

Dentre os novos posicionamentos, entende-se que a psicologia existencialista é uma das mais desafiadoras, pois, em virtude de ter sua visibilidade atrelada a nomes como os dos filósofos Martin Heidegger e Jean Paul Sartre, cujos pontos de vista são estritamente antropológicos e ateístas, ela tem sido compreendida como totalmente oposta a qualquer idéia religiosa (metafísica) e, portanto, inconcebível para uma aplicação no âmbito do aconselhamento bíblico. Existe, contudo, no existencialismo, uma vertente ligada ao cristianismo através de Kierkegaard e seus seguidores, fundadores do chamado existencialismo cristão, cujos maiores expoentes são Victor Frankl e Carl Rogers. Este existencialismo produziu uma aproximação que se manifesta em duas direções: a de psicólogos que abraçam os princípios existencialistas sem, contudo, extirpar o sentimento religioso do ser; e de pastores e teólogos que assimilam certas concepções existenciais. Entre os primeiros, destacam-se, neste trabalho, as concepções do médico e psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997) e, entre os que se colocam na direção contrária, estão as propostas do conselheiro cristão e psicólogo Gary R. Colins.

Frankl, nascido em Viena, fundou a, assim conhecida, “terceira escola vienense de psicoterapia” (as duas primeiras são a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler). A “Logoterapia”, como foi denominada, se propunha a uma aplicação clínica da “análise existencial”, termo cunhado pelo próprio Frankl, para aquela que ele entendia ser uma linha de pesquisa de “antropologia psicoterapêutica”, na qual a pessoa analisada era incentivada a expor sua compreensão a respeito da “espiritualidade, liberdade, e responsabilidade”. Com a Logoterapia, Frankl procura resgatar o homem do desespero a partir da compreensão de que a humanidade possui um desejo inerente de alcançar significado. Sua perspectiva se contrapõe a idéias de Freud e Adler que, segundo ele, limitam a natureza humana a um amontoado de impulsos instintivos (Hurding, 1995, p.150). Sua proposta, portanto, é re-humanizar a psicoterapia e reverter a “coisificação” do ser humano, instaurada pela psicanálise que “vê o paciente como sendo regido por mecanismos, e o terapeuta como aquele que sabe lidar com tais mecanismos” (Frankl, 1992, p.13).



Segundo o próprio Frankl no contexto da logoterapia *logos* significa “sentido”, pois o que realmente importa à existência humana é o cumprimento de sentido e a logoterapia fala de uma vontade de sentido (FRANKL, 1992, p. 61).

As idéias básicas da Logoterapia já tinham sido registradas por Frankl em 1942, num manuscrito do livro *Aerztliche Seelsorge* (Cura D’almas), que foi destruído num dos campos de concentração pelos quais passou, e que foi reescrito após o final da segunda guerra. A experiência nos campos de concentração permitiu-lhe dar um tom de “realismo e compaixão” à sua concepção da humanidade. Em sua perspectiva, Frankl admite a propensão da humanidade para o mal, mas isso não impede que ele também possua “uma mensagem de esperança para homens e mulheres aflitos” (Hurding, 1995, p.150).

Com a Logoterapia, Frankl, descortina o homem além da dimensão psicofísica, reconhecendo sua “dimensão noológica”, numa visão que inclui o espiritual como dimensão religiosa, valorativa, intelectual e artística (Frankl, 1992, p. 8). No prefácio da 7ª edição alemã de seu livro *Der Unbewusste Gott* (A Presença Ignorada de Deus), em 1974, Frankl afirma: “Diante da neurose de massa, que se propaga de maneira acelerada, ninguém que seja honesto e leve a psicoterapia a sério, pode jamais se esquivar do confronto com a teologia – nem hoje, nem há vinte e cinco anos atrás”.

Gary R. Collins cresceu no Canadá e graduou-se pela *McMaster University* em Hamilton, Ontário e pela Universidade de Toronto. Após alguns anos servindo na *Royal Canadian Navy Reserve*, mudou-se para os Estados Unidos onde fez sua residência em psicologia clínica pelo *University of Oregon Medical School Hospitals* em Portland e, em seguida, dedicou-se a um ano de estudos teológicos no *Western Seminary*. Obteve PhD (Doutorado em Filosofia) em psicologia clínica pela *Purdue University*, e por vinte anos serviu como professor de psicologia e aconselhamento no *Trinity Evangelical Divinity School* (Trinity International University).

Em 1991, tornou-se co-responsável pela recém organizada *American Association of Christian Counselors*, num envolvimento que durou até 1998, veio a ser Diretor Executivo e depois Presidente, num período em que aquela associação

experimentou considerável crescimento. Atualmente lidera o *International Institute for Christian Counseling* e é presidente da *International Christian Counseling Alliance*.

De Collins não pode ser dito que defenda especificamente princípios existencialistas, mas acredita numa integração entre psicologia e teologia, e crê que devemos “aceitar o fato de que a psicologia pode ser de grande ajuda para o conselheiro cristão”, desde que se aceite “a inspiração e autoridade da Bíblia como o padrão contra o qual toda psicologia deve ser testada” (COLLINS, 1995, p.16).

A partir desta concepção, o autor propõe, em seu livro *The Rebuilding of Psychology: an Integration of Psychology and Christianity* (1977), o estabelecimento de um novo alicerce para a psicologia, ou uma revisão de sua “matéria-prima” a fim de estabelecer “pressuposições operacionais” com base na premissa que “Deus existe e é a fonte de toda a verdade” e no corolário: “o homem existe e é capaz de conhecer a verdade” (p.90). Esta revisão é necessária, segundo ele, porque tanto a psicologia experimental quanto a psicologia clínica contêm falhas cuja raiz está na tendência desumanizadora de suas principais suposições: empirismo, determinismo, relativismo, reducionismo e naturalismo (p.77).

Embora Collins tenha conhecimento do trabalho de Frankl, em suas obras parece citá-lo apenas superficialmente e reconhecê-lo, no máximo, como um psiquiatra bastante conhecido (1977, p. 123), dando ênfase ao seu existencialismo (1977, p.42). Há razões para crer que existem muito mais pontos de contato entre Frankl e Collins do que este último queira aceitar. Este trabalho, portanto, propõe conhecer as duas pressuposições, para então verificar a aplicabilidade dos conceitos da Logoterapia e da Análise Existencial de Frankl dentro do contexto do aconselhamento bíblico, considerando as contribuições do modelo de aconselhamento e da visão integracionista de Collins. Neste sentido, a concepção de cada um destes proponentes, Frankl e Collins, será estudada respectivamente de forma mais aprofundada nos dois primeiros capítulos. Em seguida serão observadas as possibilidades de intersecção entre os dois pensamentos, concluindo-se o trabalho com a proposta de cooperação e os limites para tanto.

## 1 VIKTOR FRANKL, A ANÁLISE EXISTENCIAL E A LOGOTERAPIA

### 1.1 ANTECEDENTES

A convicção de que a realidade podia ser explicada, dominou a filosofia clássica e teve seu auge em Hegel que, embora tenha mudado a epistemologia e metodologia da busca do conhecimento, em seu idealismo, ainda sustentava essa perspectiva. Com Soren Kierkegaard (1813-1855), todavia, essa concepção foi deixada de lado, perdeu-se a esperança de um conhecimento unificado e o homem passou a ser visto com poder de escolher a própria existência (SCHAEFFER, 2002a). Para Kierkegaard, “a subjetividade é a verdade, a subjetividade é a realidade”.

Já no final do Século XIX, início do século XX, Edmundo Husserl (1859-1939), questionou a cisão entre sujeito e objeto prevalecente na busca do conhecimento, e passou a apresentá-los não mais como realidades independentes, mas que se constituem mutuamente. Em sua visão “a consciência não era o conjunto das apreensões da experiência, como queria o empirismo e nem um *a priori* idealista, mas um processo de dupla constituição, um fazer-se contínuo, uma relação homem-mundo” (LAPORTE, VOLPI, 2000, p. 14).

O clima de perplexidade causado pela implosão dos valores da cultura ocidental resultante das 1ª e 2ª Guerras Mundiais, ocasionou um retorno ao pensamento kierkegaardiano (também conhecido como “*Kierkegaard Renaissance*”). Isto, juntamente com a influência dos pensamentos fenomenológicos de Husserl, propiciou a eclosão, em vários lugares da Europa, do existencialismo, que surgiu como,

Uma reflexão sobre o homem e o vivido que tinha em comum a existência como modo de ser do homem no mundo e o mundo, não como algo já constituído, mas como manifesto ao homem condicionando suas possibilidades” (LAPORTE, VOLPI, 2000, p. 20).

No modo de pensar existencialista, como afirma Sartre, “a existência precede a essência” e “o homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo”. Outros existencialistas, mesmo os que não estejam muito ligados ao ateísmo, entendem que o homem tem a vida para ser vivida e é livre para escolher o caminho que irá seguir. Além disso, a humanidade existe para experimentar as realidades da existência, sejam elas agradáveis ou dolorosas. “Existimos e, mediante nossa capacidade de decidir, tornamo-nos, essência” (HURDING, 1995, p.146).

A expansão do existencialismo e a presença de fortes componentes psicológicos em autores como Kierkegaard e Jaspers, influenciou a prática psicoterapêutica, resultando no surgimento das chamadas psicologias existenciais como as desposadas por Carl Rogers e Rollo May e Viktor Frankl.

Viktor Frankl foi um psicólogo existencial cujas idéias possuíam grande afinidade com o judaísmo e cristianismo; que foi grandemente influenciado pelo teísmo de Kierkegaard e que demonstrou uma herança da fenomenologia de Edmund Husserl e Max Scheler em sua ênfase na busca por significado e valores.

Nascido em 1905 em Viena, na Áustria, Frankl, desde cedo se interessou pela psicanálise e em 1923, na conclusão dos estudos secundários, apresentou o trabalho *Zur Psychologie des philosophischen Denkens – eine psychoanalytisch orientierte Pathographie über Arthur Schopenhauer* (Sobre a psicologia do pensamento filosófico – uma *patografia* de orientação psicanalítica sobre Arthur Schopenhauer). Iniciou, então, uma intensa correspondência com Sigmund Freud, com quem chegou a encontrar-se pessoalmente em 1925, mas identificou-se mais com a corrente psicanalítica fundada por Alfred Adler, da psicologia individual. Tendo aderido ao círculo adleriano, publicou, naquele mesmo ano, no *Internationalen Zeitschrift für Individualpsychologie* (Jornal internacional de psicologia individual) o artigo *Psychotherapie und Weltanschauung* (Psicoterapia e visão do mundo), onde aborda a questão filosófica dos significados e dos valores. Em 1926 em conferências pronunciadas na Alemanha, Frankl empregou pela primeira vez o termo “logoterapia”.

Devido ao rumo que tomou dentro do movimento, Frankl foi expulso do círculo adleriano e, em 1928 e 1929, promoveu a fundação de postos assistenciais para a

juventude com o apoio financeiro de Julius Tandler, professor de Anatomia e membro do Conselho de Viena. Com este projeto proporcionou um programa de aconselhamento de tal sucesso, que naquele ano verificou-se a ausência de suicídios entre estudantes universitários.

Formado em medicina em 1930, Frankl trabalhou em alguns hospitais psiquiátricos e em 1939 escreveu seu *Philosophie und Psychotherapie. Zur Grundlegung einer Existenzanalyse* (Filosofia e Psicoterapia: sobre a fundação de uma análise existencial), no qual cunhou a expressão “análise existencial”.

Entre 1940 e 1942, Frankl foi encarregado do departamento de neurologia do hospital judeu Rothschild, em Viena. Em 1938 a Áustria havia sido invadida pelos nazistas e a fim de salvar os pacientes judeus da eutanásia, Frankl se viu obrigado a fazer diagnósticos benignos dos doentes mentais sob seus cuidados. Neste ano começou a escrever o livro *Aerztliche Seelsorge* (Cura D'almas).

Em 1941 casou-se com Tilly Grosser e em 1942 foi levado para os campos de concentração nazistas, onde permaneceu até 1945 (Frankl passou por quatro deles). Durante este período, morreram sua esposa, mãe e irmão, além de ter destruídos, os manuscritos de seu livro *Aerztliche Seelsorge*.

Frankl, como ele mesmo concluiu posteriormente, durante o tempo que passou nos campos de concentração, foi sustentado e salvo pelo seu grande interesse pelo comportamento humano. Ali, percebeu que aqueles que possuíam uma esperança e que tinham um significado para suas vidas resistiam melhor a fome e maus tratos a que todos eram submetidos.

Após sua libertação, Frankl retomou suas atividades e, em 1946, foi nomeado diretor do Hospital Policlínico Neurológico de Viena, onde permaneceu por 25 anos. Seu livro *Aerztliche Seelsorge* foi reescrito e ele conquistou a habilitação para lecionar na Escola de Medicina da Universidade de Viena. Foi então que escreveu *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager* (Um psicólogo no campo de concentração), o qual foi ditado para um grupo de assistentes num período de apenas nove dias utilizando-se da memória e de algumas poucas notas que havia salvado.

Casou-se pela segunda vez em 1947 com Eleonore Schindt e, no ano seguinte, obteve seu doutorado com a tese *Der unbewußte Gott* (O Deus inconsciente). Em 1951, com seu livro *Logos und Existenz* (O logos e a existência) Frankl completou os fundamentos antropológicos da Logoterapia (COBRA, 2001).

## 1.2 FUNDAMENTOS

Para Frankl, a motivação básica do ser humano é a busca de sentido para a própria vida. Portanto, a preocupação principal do homem deve ser estabelecer e perseguir um objetivo. A missão da psicoterapia é ajudá-lo a encontrar esse significado que é só seu, este sentido é particular para cada indivíduo. Segundo ele, há três vias para se encontrar este objetivo: 1) através de um feito notável que dependa fundamentalmente de seus conhecimentos e habilidades; 2) Experimentando um novo valor ou estabelecendo um novo relacionamento pessoal e; 3) adotando uma atitude positiva em relação a um sofrimento inevitável. A ação do indivíduo em todos estes casos deve ser a resposta correta e uma conduta moral objetiva (COBRA, 2001).

Frankl afirma, ainda, que as pessoas se caracterizam por uma autotranscendência, e que a autorrealização é um subproduto involuntário no qual o indivíduo pode se compreender para além de si mesmo. Na sua concepção “a própria busca da felicidade... atrapalha a felicidade” (HURDING, 1995).

“Baseado num modelo proposto pelo fenomenólogo Max Scheler, ele (Frankl) acredita que as pessoas tenham um núcleo espiritual cercado por ‘camadas’ psicológicas e físicas” (HURDING, 1995, p.151). Este aspecto é básico para Frankl, que o inclui dentro do conceito de inconsciente. Na verdade ele vê esse núcleo espiritual atravessando os três níveis: consciente, pré-consciente e inconsciente, como um eixo a todos eles.

No dizer de Hurdling, em Frankl,

Encontramos um teorizador que, junto com Jung, ergueu os olhos acima e para além das fronteiras biológicas e centradas na pessoa, limites característicos da psicologia secular, voltando-se para a direção do “Deus desconhecido” (1995, p.60).

As bases da Logoterapia e da Análise Existencial já estavam presentes no início da carreira de Frankl e foram, em certa medida, a causa de sua colisão com Adler, e sua conseqüente expulsão da Associação de Psicologia Individual. Segundo Giseller Guttmann registra em sua introdução ao livro Logoterapia e Análise Existencial (Frankl, 1995), por ocasião de seu artigo “O encontro da psicologia individual com a psicanálise”, Frankl já “percebia que a psicanálise se propõe a adaptar o homem à realidade, enquanto a psicologia individual pretende uma conformação desta realidade”, e percebia a carência de um passo adiante, além da adaptação e conformação. Passo que ele próprio desenvolveria em seguida, propondo a assunção da responsabilidade, isto é, a idéia de que “ser eu significa ser responsável”, base de seu método psicoterapêutico que objetiva ajudar o paciente a reconhecer as questões espirituais da vida e o sentimento de responsabilidade e, a partir deste ponto fazer com que ele caminhe em direção ao desejo de alcançar significado.

### 1.3 ANÁLISE EXISTENCIAL E LOGOTERAPIA

Nas palavras do próprio Frankl, “a logoterapia e a análise existencial são as duas faces de uma mesma teoria. Ou seja, a logoterapia é um método de tratamento psicoterapêutico, ao passo que a análise existencial representa uma linha antropológica de pesquisa” (1995, p. 60).

Em logoterapia, como já vimos anteriormente, “logos” significa sentido, mas Frankl também lhe atribui um outro significado, a saber, o mental, em oposição ao puramente psíquico.

Na expressão **análise existencial** (*Existenzanalyse*), “existencial” refere-se à forma de ser e ao caráter do próprio homem, termo tomado de empréstimo da filosofia contemporânea, se refere a uma explicação da existência tanto no seu aspecto ôntico (a essência própria do indivíduo, o que ele é em si mesmo, sua identidade, diferenças e relações com outros indivíduos), como no aspecto ontológico (o estudo filosófico do ser). Diferentemente da análise da existência (*Daseinanalyse*) que coloca a ênfase sobre o esclarecimento do ser. A **análise existencial**, portanto, se propõe como uma antropologia psicoterapêutica que precede qualquer psicoterapia (não só a logoterapia).

As psicoterapias se baseiam em premissas antropológicas. Assim, como explicação antropológica da existência pessoal, a análise existencial, segundo Frankl, objetiva tornar consciente, explicar, desdobrar e desenvolver a concepção inconsciente e implícita que a psicoterapia tem do homem. Assim, ela caracteriza e qualifica a essência da existência, que como uma forma de ser se caracteriza por um ser facultativo, ser humano, como um poder ser de outra forma. O homem neurótico é aquele que entende mal a própria essência (1991, pp. 61-62).

A **explicação da existência pessoal** elaborada por Frankl parte do princípio que “Ex-sistir” é sair de si mesmo, ao encontro de si mesmo, passando pelo âmbito espiritual, confrontando-se como um organismo psicofísico. Em oposição ao paralelismo psicofísico (corpo e alma), Frankl vê a possibilidade de um antagonismo psiconoético (espiritual). Este antagonismo, facultativo, antes de ser uma necessidade, é uma possibilidade.

Esta contraposição psiconoética se sustenta na possibilidade do autodistanciamento do homem em relação a si mesmo como organismo psicofísico e estabelece a pessoa espiritual. Este confronto do homem consigo mesmo pressupõe uma separação entre o espiritual e o corporal-psíquico sem que, com isso, ele perca sua unidade antropológica.

Frankl explica esta diversidade ontológica do homem (corporal, psíquico e espiritual), lançando mão do que ele chama de **ontologia dimensional**. Assim como um copo projetado sobre a mesa em que repousa resultará em um círculo, enquanto que sua projeção no plano vertical resultará em um retângulo, sem que, com isso, se



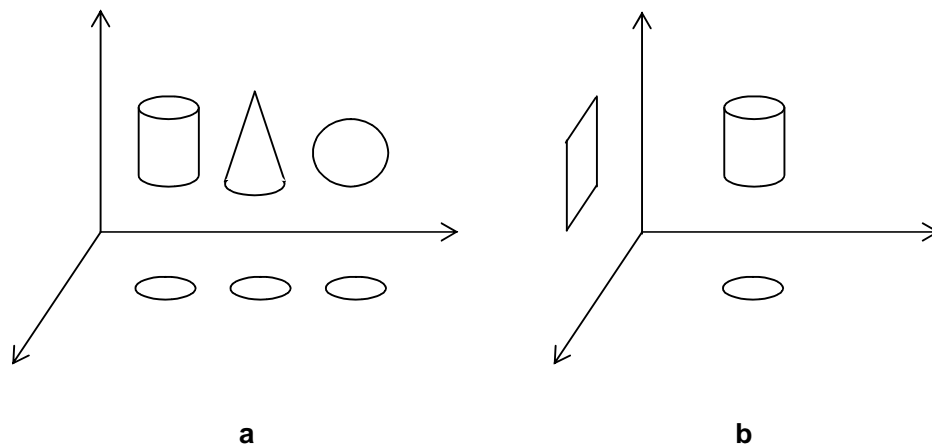
compreenda que estas figuras compõem o copo, assim também o homem não é composto por corpo, alma e espírito. Antes, são estas, dimensões do homem. Embora a dimensão espiritual seja a dimensão específica do homem, ela não é a única dimensão, já que o homem é uma unidade corpora, psíquico, espiritual. Há também que se entender, afirma Frankl, que se a pessoa é indivisível, *in-dividuum*, é também *in-summabile*, isto é, também não pode se fundir. É unidade e totalidade.

O psíquico e o somático (físico), conquanto formem uma unidade íntima, nem por isso representam a mesma e a única realidade. A unidade psicossomática, também, não constitui sua totalidade, a menos que se acrescente o espiritual como terceira realidade. Esta realidade constitui a dimensão específica de sua existência.

No esquema dimensional de Frankl, o verdadeiramente humano só pode ser concebido a partir da dimensão espiritual. Enquanto a vida vegetativa possa ser explicada dentro da dimensão corporal e a vida animal dentro da psíquica, a existência humana não pode ser presumida a partir desta bidimensionalidade. Pode sim, ser projetada nesta relação bidimensional, mas como no caso do copo, citado anteriormente, a projeção sacrifica uma das duas, pois se projeta naquela imediatamente inferior.

Este reducionismo, isto é, esta projeção do ser humano em uma realidade bidimensional ocasiona ambigüidades e contradições. A ambigüidade se deve ao fato de que coisas diferentes podem ser representadas da mesma forma em uma única projeção (figura 1a), e as contradições porque uma mesma coisa pode ser representada de maneira diferente em projeções diferentes (figura 1b).

Os fenômenos humanos, segundo Frankl, se tornam ambíguos quando projetados num plano meramente psíquico-corporal. Santos e histéricas estarão num mesmo plano, e não será possível fazer nenhum diagnóstico diferencial entre louco e profeta. Sacrifica-se a transcendência do mundo por um supermundo.



**Figura 1**

Ao se observar a figura b, é possível ver um cilindro projetado, representado como um retângulo numa dimensão e como um círculo em outra. Quando se imagina este cilindro como sendo um copo e considerando a sua projeção no plano horizontal este se revelará como um círculo fechado, apesar de este copo na dimensão superior (terceira dimensão ou espaço), ser aberto possibilitando integrar algo. Com relação ao homem, a concepção é a mesma. Se considerada a dimensão espiritual como o espaço do humano será possível dissolver algumas contradições consequentes da sua projeção bidimensional.

Frankl afirma:

Naturalmente um avião não deixa de ser avião, ainda que só esteja taxiando na pista: ele pode, mais ainda, ele deve tornar a taxiar continuamente na pista! Mas o fato de ser avião só fica demonstrado quando ele voa. Analogamente o homem só começa a se comportar como homem quando pode sair do plano da facticidade organísmico-psicofísica e ir ao encontro de si mesmo, sem por isso ter de fazer frente a si mesmo. Esse poder é o que significa “existir”; “existir” quer dizer: estar sempre acima de si mesmo (1995, p.75).

Frankl afirma que há, dentro da espiritualidade humana, algo como uma espiritualidade inconsciente que é a fonte e a raiz de toda espiritualidade consciente.

Há, portanto, além do inconsciente instintivo, o espiritual. Relacionando os dois, ele diz: “O ego não é dominado pelo id; apesar disso, o espírito é sustentado pelo inconsciente”. E ainda: “Efetivamente o que se chama consciência atinge profundidade inconsciente e deita raízes numa base inconsciente” (1995, p.79). Segundo o autor, é preciso considerar a consciência como irracional, alógica, ou pré-lógica, pois existe uma compreensão pré-moral de valores que precede essencialmente toda moral explícita, isto é, a consciência.

Só a consciência é capaz de harmonizar, por assim dizer, a lei moral “eterna”, universalmente expressa, com cada situação concreta de cada pessoa concreta. Pois uma vida a partir da consciência é sempre uma vida absolutamente pessoal, orientada para uma situação absolutamente concreta, para o que se pode importar em nossa existência (*Dasein*) singular e peculiar: a consciência inclui sempre o “aqui” (*Da*) concreto do meu “ser” (*Sein*) pessoal (Frankl, 1995, p.81).

Nesta profundidade emocional e não-racional, diz Frankl, estão enraizados o ético, o erótico e o estético. Considera, como exemplo a intuição do artista, em si irracional, que permanece numa obscuridade que nunca pode ser iluminada completamente pela consciência, já que a consciência excessiva pode interferir na produção a partir do inconsciente.

Um outro aspecto da espiritualidade inconsciente abordada por Frankl é que ela é não-reflexiva e não-reflexionável. Ela não é só inconsciente, ela é necessariamente inconsciente. A consequência disto é que o homem não pode e não deve fazer uma auto-reflexão completa, porque isto não é tarefa do espírito. Assim, diz Frankl:

Faz parte da essência do homem ser orientado para, seja para alguma coisa, seja para alguém, seja para uma obra, seja para um homem, para uma idéia ou para uma pessoa! E só na medida em que somos intencionais, somos existenciais; só na medida em que o

homem está espiritualmente com algo ou com alguém, junto de outro ente espiritual, assim como junto de um ente não espiritual, só na medida deste “estar junto de” é que o homem está consigo mesmo. O homem não existe para se observar a si mesmo nem para olhar a si mesmo no espelho, mas sim para se entregar, para se sacrificar e para se abandonar conhecendo e amando (1995, p.83).

Essa pessoa espiritual, como definida por Frankl, não é sempre visível, nem sempre ativa. O organismo é um espelho em que o indivíduo se reflete e percebe que não se apresenta límpido. “O corpo do homem ‘caído’ representa um espelho quebrado, por isso deformador”. O corpo psicofísico limita o espírito, condiciona a espiritualidade, entretanto não pode produzi-la. “O *bios* nunca origina, só condiciona o *logos* (...) a *physis* ou o *soma* nunca origina, só condiciona a *psyche*” (Frankl, 1995, p. 84, 86).

O autor entende que a análise existencial estende seu exame para a totalidade do homem, porque o considera além do psicofísico-organísmico, para o espiritual-pessoal. Neste sentido ela vai além da chamada psicologia profunda, pois alcança o inconsciente espiritual e não apenas o instintivo. Pretende, assim conhecer a dimensão do alto, própria do homem, pois “só o alto do homem constitui o homem” (Paracelso). Pode ser, ela, portanto o antídoto para o niilismo contemporâneo, para o enfado do homem com o espiritual.

De acordo com Frankl, há no ser humano uma auto-compreensão de que todos são livres, embora ela seja possível de ser mascarada pela ciência, que vê unicamente o organismo psicofísico e não o homem espiritual, por isso não consegue enxergar a autonomia espiritual do homem. Esta liberdade, segundo ele, se estabelece diante de três fatores: os instintos, a hereditariedade e o meio ambiente.

Os instintos do homem são dominados por meio de sua espiritualidade. O homem possui instintos, o animal “é” seus instintos. E o que o homem “é” diante deles constitui sua liberdade. O homem é capaz de dizer não a eles e é isto que o diferencia da espécie animal.

Quanto à hereditariedade, tem sido confirmado pela pesquisa genética séria, que o homem possui liberdade mesmo diante de uma determinada disposição genética. Frankl concorda com Goethe quando este afirma que não há virtude que não possa se transformar em defeito e nem defeito que não possa se converter em virtude.

Da mesma forma com relação ao ambiente, está mais do que provado que este depende de como o homem interage com ele. O homem está muito acima de ser um simples produto, quer seja da hereditariedade ou do meio, pois ele decide sobre si mesmo.

Segundo Frankl, o indivíduo não age simplesmente de acordo com o que é, mas é transformado à medida que age e assim torna-se bom no exercício de fazer coisas boas. A ação, portanto, tem o poder de criar o hábito. Se ele agir eticamente poderá gerar uma atitude ética e assim a decisão de hoje se tornará o instinto de amanhã.

A análise existencial compreende que o homem é limitado, isto é, ele não pode fazer tudo o que deseja fazer. A liberdade humana não é onipotência. Por outro lado, ela o considera como um ser com orientação de sentido e que, portanto, é movido por valores. O homem é um ser livre que decide livremente. E se a liberdade não contém nenhum “para quê”, o ato de decidir sempre está conectado a objetivos de sentido e de valores.

A responsabilidade humana então, tem um “pelo quê” ser responsável. O indivíduo só se realiza a na medida em que cumpre com obrigações e exigências e compreende sentido e valores. “Se quero ser o que posso, tenho que fazer o que devo. Se quero vir a ser eu mesmo, tenho que cumprir obrigações e exigências concretas e pessoais”. O homem, também, é atraído pelos valores, através da liberdade e responsabilidade ele decide e determina a realização de valores (Frankl, 1995, p.105, 107).

A responsabilidade se estabelece não somente por algo, mas perante algo ou alguém. Assim, em primeiro lugar, ela se estabelece perante a consciência. A responsabilidade, assim como a liberdade e espiritualidade, são fenômenos

originários e a consciência remete a algo que transcende o homem. Quem decide eticamente, não faz isso como uma forma de apaziguar o superego. Não existe instinto moral, pois o ser não é impelido por uma consciência moral, mas tem que se decidir levando-a em consideração.

A consciência, entretanto, não é a última instância pela qual somos responsáveis. Mais do que algo, há alguém, uma instância de estrutura absolutamente pessoal que é Deus. “Detrás do superego do homem está o tu de Deus; a consciência seria a palavra tu da transcendência”, diz Frankl (1995, p.113). Para a análise existencial o pai é uma imago, em particular, a primeira imagem que uma criança faz de Deus. Toda paternidade tem em Deus a imagem que a origina.

Este “perante quem” é essencial para Frankl na definição da responsabilidade do ser humano, como ele mesmo ilustra:

Que importa o fato de que Deus seja uma testemunha e um espectador invisível? O ator que está no cenário também não vê a platéia diante de si: ele está deslumbrado com a luz dos refletores e do palco, e o teatro está mergulhado na escuridão. E, no entanto, o ator sabe com certeza que aí embaixo, na sala escura, há espectadores, sabe que está encenando diante de alguém, Acontece a mesma coisa com o homem: atuando no palco da vida, mas deslumbrado com a cotidianidade superficial, ele vislumbra, apesar disso e sempre – a partir da sabedoria de seu coração –, a presença da testemunha, do grão-espectador, ainda que invisível, perante o qual ele é responsável pela realização, que se exige dele, de um sentido concreto e pessoal da vida (1995, p 115).

O homem, segundo Frankl, é muito mais religioso do que imagina, acontece que esta espiritualidade se encontra envergonhada diante do intelectualismo crescente do naturalismo hodierno. O homem, diante da “imagem naturalista de homem e de mundo tende a se envergonhar de seus sentimentos religiosos”.

## 1.4 APLICABILIDADE DA ANÁLISE EXISTENCIAL

### 1.4.1 Neuroses Coletivas

Neuroses coletivas não podem ser definidas como neuroses clínicas no sentido estrito do termo, pois na verdade são quase-neuroses, ou neuroses no sentido figurado. Frankl caracteriza estas neuroses, no sentido que ele define como paraclínico, por meio dos seguintes sintomas: 1) uma atitude de provisoriade diante da existência como se tudo fosse deixar de existir a qualquer momento; 2) uma atitude fatalista diante da vida, compreendendo como impossível e desnecessária qualquer tentativa de controlar o destino; 3) uma forma de pensar coletivista que só se compreende como pessoa na medida do outro, ignorando a própria personalidade; 4) um fanatismo que só enxerga a si próprio ignorando aquele que pensa diferente. Estes quatro sintomas, entretanto, podem ser reduzidos, segundo ele, à fuga da responsabilidade e ao medo da liberdade que constituem a espiritualidade do homem. Essa fuga é a essência do niilismo contemporâneo.

Existe uma frustração existencial como pano de fundo de muitos dos problemas hodiernos. Seus efeitos podem ser percebidos no vazio interior e na carência de conteúdo que resultam numa sensação de perda de sentido da existência. Mesmo que não se possa designar esta frustração existencial exatamente como patogênica ou patológica, ela, ainda assim, necessita da análise existencial.

A análise existencial, afirma Frankl, não é uma terapia de neurose. Conquanto a logoterapia continue tendo uma aplicação médica, a análise existencial vai além dessas indicações, abrindo possibilidades ao filósofo, teólogo, pedagogo e psicólogo, podendo ser aplicada à neurose coletiva, à frustração existencial, que, embora não seja nenhuma doença, nenhuma neurose, no sentido específico da palavra, pode ser mortal, já que pode levar ao suicídio. Só é possível apelar à vontade de continuar vivendo quando este apelo é dirigido à vontade de sentido,

quando o querer sobreviver também representa um dever sobreviver, quando continuar a viver tem um sentido. Frankl cita as palavras de Friedrich Nietzsche como um lema para a psicoterapia: “só quem tem um ‘porque’ para viver suporta quase qualquer ‘como’ viver” (1995, p.123).

#### **1.4.2 Cura Médica de Almas**

Existem situações, porém, em que é necessária uma aplicação específica da análise existencial, que é quando a atuação do médico, qualquer que seja sua especialidade, tem que tratar de um paciente que se acha diante de “um sofrimento necessário iniludível”. Nestas situações deve haver o que Frankl chama de “cura médica de almas”, no qual o médico continua a ser médico, mas sua relação com o paciente se transforma num encontro pessoal e o cientista se transforma no humano. Para enfatizar este ponto, Frankl alude a uma recomendação da American Medical Association: “O médico também deve consolar a alma, Não se trata de modo algum de uma obrigação apenas do psiquiatra, Trata-se simplesmente da obrigação de qualquer médico em atividade” (1995, p. 125).

A “cura médica de almas” não tem por preocupação o restabelecimento físico do indivíduo, isto é, sua capacidade de fazer ou desfrutar, mas, especificamente, capacitá-lo a suportar o sofrimento.

Desta maneira, a capacidade de suportar o sofrimento é saber realizar o que Frankl chama de valores atitudinais, ou seja, dar sentido à vida por meio de um sofrimento, Esta necessidade surge quando sofrer é inevitável e a psicoterapia, em seu sentido mais específico, já não é possível. Ela é implementada com a abordagem da questão do sentido do sofrimento, ou “para que sofrer?”, afrontando o destino com uma atitude adequada e digna, enxergando a possibilidade de uma boa ação, decidindo quais são as melhores direções a serem tomadas, escolhendo o próprio o destino.

Conquanto a análise existencial se abra a amplas aplicações e sirva a diversas disciplinas diferentes, o presente texto trata de uma tarefa ligada



especificamente ao caráter médico, não devendo ser confundida com a “cura sacerdotal de almas”, já que sua meta é a cura psíquica. Frankl defende que:

Certamente a religião não tem um motivo psicoterapêutico, mas possui um efeito psico-higiênico. Não há dúvida que ela possibilita ao homem uma segurança incomparável e uma ancoragem espiritual, e dessa forma contribui grandemente para a manutenção do seu equilíbrio psíquico (...) Do mesmo modo que psicoterapia não está a serviço da religião, também, a religião não é um meio para um fim da psicoterapia (...) Mas não nos equivocaremos se supusermos que por trás desta necessidade psicoterapêutica se encontra a velha e eterna necessidade metafísica, ou seja, a necessidade do homem de prestar contas a si mesmo sobre o sentido da existência (1995, p. 129).

Frankl, como é possível perceber, não descarta a idéia da existência de Deus. Além disso, embora negue a aplicação de uma conotação religiosa em determinadas circunstâncias, em outras ele a concebe como única resposta contra o total desespero. Quando em face de uma situação inevitável (como a de um judeu no campo de concentração condenado à morte), em que qualquer ato de heroísmo exigiria um sentido, já que ninguém iria tirar proveito disso. O autor entende que em tal circunstância, manter-se firme, apesar de toda inutilidade só é possível quando se vislumbra a existência de uma testemunha maior, de um espectador invisível, Deus, “perante quem” o homem é responsável. Responsabilidade que abriga em si até mesmo o sentido do sofrimento.

### **1.4.3 Neuroses Noógenas**

Frankl utiliza a expressão neuroses noógenas para se referir aos problemas que ocorrem além da esfera do psíquico, cuja causa se encontra num problema espiritual, num conflito moral ou em uma crise existencial.

Trata-se de enfermidades que “provém do espírito”, mas não são “do espírito”, não é uma enfermidade noética, já que a pessoa espiritual, segundo os conceitos da logoterapia, não pode adoecer, só pode haver enfermidade no âmbito psicofísico. Em todo o caso, para neuroses que provém do espiritual é indicada uma psicoterapia que também provenha do espiritual. Sendo assim, fica claro a indicação da logoterapia que a si mesmo se entende como espiritual.

A logoterapia procura nestes casos ordenar e orientar o paciente para um sentido concreto e pessoal, mas não deve dar um sentido à existência dele. Ela torna o paciente consciente de sua responsabilidade a fim de que ele decida qual sentido concreto deve ser cumprido, quais valores pessoais devem ser realizados, perante o que (a consciência, a sociedade, alguém específico: Deus), ele interpreta sua existência como uma responsabilidade.

O logoterapeuta será a última pessoa a, no tocante a tal decisão, subtrair do paciente a responsabilidade ou mesmo a permitir que este lance sua responsabilidade sobre os ombros do psicoterapeuta: a logoterapia se revela como uma educação para a responsabilidade” (Frankl, 1995, p.155).

#### **1.4.4 Terapia Não-Específica**

Embora a Logoterapia represente uma terapia específica para o caso de neuroses noógenas e, dentro desta esfera se mostre como um avanço na psicoterapia, ela também é indicada a uma aplicação mais ampla das neuroses no sentido específico, isto é, nas psicógenas, que são aquelas causadas no psíquico. Estão inclusas também nesta classificação as doenças psicossomáticas, que não são propriamente causadas no psíquico, mas são desencadeadas ali; e as pseudoneuroses somatogênicas, doenças neuróticas aparentes ocasionadas a partir

do somático. Estas, embora distinguidas conceitualmente e recebam tratamento específico, são tratadas, também do ponto de vista psicológico.

#### 1.4.4.1 Intenção Paradoxal

A teoria das neuroses, segundo Frankl, observa que em um paciente neurótico ansioso, a angústia é potencializada na medida em que ele sente angústia perante a própria angústia, lançando-o num círculo-vicioso. Diferentemente, o neurótico obsessivo, é lançado no mesmo círculo numa tentativa de fuga da obsessão. Já o neurótico sexual tem como objeto de sua neurose uma busca fracassada do prazer, porque o próprio desejo intenso de obtê-lo bloqueia a possibilidade de alcançá-lo. Por um lado, o neurótico ansioso e o obsessivo têm um temor diante de algo anormal, e, por outro, o neurótico sexual possui um desejo forçado por algo normal.

Frankl propõe, portanto, que se relacione o desejo com aquilo que é anormal, objeto da fobia neurótica, na compreensão de que ele, como no caso da neurose sexual, funcione como um bloqueio, livrando a pessoa do círculo vicioso em que se encontrava.

Se, então, o paciente fóbico conseguir agir paradoxalmente, substituindo a angústia, ainda que por poucos segundos, pela intenção diante daquilo que teme, isto exercerá surpreendente influência enfraquecendo o medo. Tal intenção (paradoxal) não é séria nem definitiva e sua importância está em experimentá-la apenas por um momento, que certamente ocasiona riso e, assim, este humor faz com que o paciente se distancie de sua neurose. Para reforçar este conceito, Frankl cita Gordon W. Allport que afirma que “o neurótico que aprende a rir de si mesmo possivelmente já se ache a caminho do seu autocontrole, talvez mesmo a caminho de sua cura” (1995, p.166).

Frankl declara que a intenção paradoxal é a logoterapia mais autêntica, pois nela o paciente foca a neurose, mas se distancia dela. A pessoa espiritual afasta-se

da neurose que é uma enfermidade do organismo psicofísico. O antagonismo psiconoético facultativo se transforma num antagonismo de fato.

A logoterapia não trata simplesmente dos sintomas do paciente, antes se dirige à pessoa dele com o objetivo de mudar sua atitude frente ao sintoma. Ela não o considera como responsável pelas idéias obsessivas, mas pela atitude tomada diante dessas idéias.

#### 1.4.4.2 Derreflexão

As neuroses, tanto de angústia, como obsessivas, quanto nas sexuais, pode-se acrescentar o fator de uma excessiva preocupação pela observação de si mesmo no paciente. A obsessão de observação é a angústia de perder o controle sobre si mesmo, de não se dominar e se abandonar ao inconsciente, diz Frankl.

Esta obsessão, não só dificulta, mas também impede qualquer realização, pois tenta assumir o controle daquilo que é executado automaticamente pelo inconsciente.

Nestes casos o psicoterapeuta tem que transformar o potencial inconsciente num ato consciente, mas só a fim de provocar um hábito novamente inconsciente e assim restabelecer a naturalidade das realizações inconscientes. Assim como as neuroses podem ser ironizadas pelo uso da intenção paradoxal, o método terapêutico adequado à obsessão de observação, à excessiva atenção nos sintomas é a derreflexão. A derreflexão significa aqui, voltar a ignorar-se a si mesmo.

A fim de atingir a derreflexão desejada, isto é, ignorar algo, é necessário deixar de lado este algo voltando-se para alguma coisa diferente. A logoterapia então, utiliza-se da análise existencial centrando e orientando o paciente para o sentido concreto de sua existência pessoal.

A logoterapia, segundo Frankl, tem por objetivo complementar a psicoterapia completando aquela imagem que ela faz do homem até o “homem completo”, de cuja totalidade pertence também o espiritual em essência. Os caso neuróticos

tendem a crescer em direção a um vazio existencial, conseqüentemente isto torna a logoterapia indicada não apenas àqueles que surgiram do espiritual, mas também nos casos somatopsicogênicos, representando um complemento noético à psicoterapia somatopsíquica.

## 2 GARY R. COLINS E O ACONSELAMENTO BÍBLICO.

### 2.1 O DESENVOLVIMENTO DO CUIDADO PASTORAL

O cuidado pastoral é um dos aspectos indissociáveis da vida da igreja. Assim, nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências a este elemento, como, por exemplo, na epístola de Tiago, na qual pode ser lido: “A Religião pura e sem mácula, para com nosso Deus e pai, é esta: visitar os órfãos e viúvas nas suas tribulações (...)” (Tiago 1.27); ou ainda, na primeira epístola de Pedro, onde há a seguinte exortação aos presbíteros: “pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós (...)” (1ª Pedro 5.2).

Além disso, o registro desta característica não se limita ao texto bíblico. Nos documentos mais antigos da igreja, também jazem numerosos exemplos deste cuidado, como nos textos de João Crisóstomo (*Carta à uma jovem viúva* – século IV) e Gregório o Grande (*Livro do cuidado pastoral* – século VI). Pode-se aferir o quanto esta prática, na verdade, permeia todas as gerações quando se lê Thomas A. Kempis, no século XV, com *A Imitação de Cristo*, ou o *Pastor Aprovado* de Richard Baxter, no século XVII.

O modo como este cuidado foi exercido, entretanto, sofreu variações no decorrer da história. Em cada época a igreja, conscientemente ou não, se apropriou da psicologia dominante (Clebsch e Jaekle, 1983), não por ausência de uma psicologia propriamente sua, mas pela influência externa a que ela, estando no mundo, se tornou suscetível, em todas as áreas do conhecimento. Esta relação, embora natural e, até certo ponto, positiva, em certos momentos se tornou prejudicial ao tornar o cuidado pastoral dependente dessas psicologias como se não tivesse uma psicologia propriamente sua (Hurding, 1995, p.26).

Esta crise do cuidado pastoral no que diz respeito à relação e dependência (ou independência) da psicologia se agravou com o surgimento das psicologias seculares a partir do iluminismo e forçou a igreja a uma tomada de posição. O presente trabalho não se propõe a analisar os aspectos detalhados desta reação, o

que já foi feito com muita propriedade por Roger F. Hurding em seu livro *A Árvore da Cura* (1995). O importante, entretanto, é ponderar o trabalho de Gary R. Collins, com sua proposta de **diálogo**, reagindo fortemente contra o processo de **assimilação** por um lado e de completa **rejeição** da psicologia secular por outro.

A partir do final do século XIX, principalmente nos Estados Unidos, surgiu uma tendência a colocar o aconselhamento pastoral como o principal aspecto do cuidado pastoral. A psicologia da religião passou a ser ensinada nos seminários e os pastores assimilavam os conhecimentos aprendidos na psicologia com uma ampla abertura para as idéias de Freud, Adler e Jung. Esta abertura conduziu a uma absorção demasiada das pressuposições da psicanálise, o que nas palavras de Hurding: “consistiu num liberalismo cristão que, à deriva foi arrastado até os bancos de areia de onde Deus é visto como bondosamente permissivo e onde a humanidade é considerada neurótica, em vez de pecadora” (1995, p.263).

Uma reação radical contra esta secularização do cuidado pastoral ocorreu sob a influência das idéias de O. Hobart Mowrer, um ferrenho crítico da “teoria freudiana do impulso”. Mowrer teve, mais tarde, forte influência sobre Jay Adams, resultando na idealização do *aconselhamento noutético*. Neste modelo Adams dicotomiza as abordagens na área do aconselhamento em cristã e não-cristã, rejeitando toda a idéia de “doença mental” ou perturbação psicológica que não seja resultado de pecado. Para ele, todos os problemas não-orgânicos são causados pelo pecado (Hurding, 1995).

## 2.2 INTEGRACIONISMO

É justamente em meio a estes dois diferentes posicionamentos que se encontra Gary R. Collins. Embora defensor do aconselhamento bíblico, Collins não exclui o que ele chama de “verdade descoberta mediante a experiência e os métodos de investigação científica”. Ele entende que a Palavra de Deus é de imprescindível importância para o aconselhamento, mas que a psicologia pode ser, sim, de grande ajuda para o conselheiro cristão, mesmo porque a própria Bíblia não

reivindica ser a **única** fonte de “revelação sobre a ajuda às pessoas”, e que nem mesmo é este o seu propósito.

Mesmo assim, Collins não aceita a psicologia como uma ferramenta que deva ser utilizada irrestritamente. Qualquer tentativa neste sentido seria inviável devido à miríade de técnicas e teorias disponíveis, que certamente só confundiriam o conselheiro cristão. Desta forma, Collins propõe que toda técnica ou teoria psicológica que se pretenda utilizar como apoio ao aconselhamento seja testada e avaliada pelo padrão da Palavra escrita de Deus, cuja inspiração e autoridade jamais devem ser questionados (Collins, 1995).

Gary Collins, como mencionado anteriormente, iniciou seus estudos acadêmicos na área de psicologia, concluindo seu PhD em psicologia clínica pela Purdue University, em West Lafayette, Indiana. Mas, apesar de sua formação psicológica, dedicou-se extensivamente ao aconselhamento e preparação de líderes e conselheiros cristãos. Collins, que esteve por um ano no Western Seminary cursando teologia e lecionou psicologia e aconselhamento na Trinity Evangelical Divinity School, se envolveu intensamente com a *American Association of Christian Counselors* (AACC) e também escreveu diversos artigos e mais de 50 livros, em sua grande maioria direcionados ao aconselhamento. Conforme registrado em seu sítio: “Na maior parte de sua vida adulta ele esteve comprometido em orientar, ensinar e escrever a fim de estimular um aconselhamento cristão competente, equipar e encorajar líderes (inclusive conselheiros e líderes espirituais), e contribuir para fazer da igreja ao redor do mundo uma instituição mais solidária” (<http://www.garyrcollins.com/aboutb.php>).

Um outro aspecto da obra de Collins é justamente seu esforço em propor uma via média para a discussão da relação entre psicologia e cristianismo, algo que esteja entre a total assimilação de um lado e a exclusão mútua do outro. Essa preocupação já se revela num de seus primeiros livros, *Search for Reality*, no qual ele se propõe a fazer uma “introdução a moderna ciência da psicologia em sua relação com a Bíblia e com o trabalho da igreja” (1969, p.6). Porém, antes de ponderar mais profundamente a compreensão de Collins sobre estas questões, é necessário conhecer melhor a base sobre a qual ele desenvolve sua teoria de



aconselhamento conforme foi exposta nos livros *Aconselhamento Cristão*, de 1995, uma tradução de *Christian Counseling: A Comprehensive Guide*, de 1980, e a Edição Revisada (e ampliada) desta obra, editada em 1988.

Para Collins, o aconselhamento é “uma parte importante do ministério, necessária e biblicamente estabelecida” e consiste em:

... estimular o desenvolvimento da personalidade; ajudar os indivíduos a enfrentarem mais eficazmente os problemas da vida, os conflitos íntimos e as emoções prejudiciais; prover encorajamento e orientação para aqueles que tenham perdido alguém querido ou estejam sofrendo uma decepção, e para assistir às pessoas cujo padrão de vida lhes cause frustração e infelicidade. (1995, p.12).

A tarefa do conselheiro cristão, entretanto, é inseparável de seu objetivo principal que é “procurar levar o indivíduo a um relacionamento pessoal com Jesus Cristo e ajudá-lo a encontrar perdão e alívio dos efeitos incapacitantes do pecado e culpa” (1988b, p.16). Isto implica em ensinar, como a Bíblia ordena, tudo aquilo que Cristo ensinou a fim de que as pessoas se entendam melhor com Deus, com o próximo e consigo mesmas.

Collins considera que a igreja neotestamentária, além de uma comunidade de ensino, evangelização e discipulado, foi também uma “comunidade terapêutica”. Quando os membros de uma igreja, hoje, concentram suas atenções e atividades no culto a Deus, na evangelização, e na fraternidade, ensino e cuidado mútuo dentro da igreja, este aspecto terapêutico se evidencia. Na ausência de algum destes elementos, afirma Collins, há desequilíbrio e crentes incompletos. A tarefa de manter este equilíbrio pertence aos pastores e líderes que devem guiar o rebanho, e que para executá-la precisam conhecer os princípios bíblicos sobre como enfrentar estes problemas, e certamente as ferramentas que têm sido disponibilizadas pelas recentes pesquisas e perspectivas psicológicas irão auxiliá-lo neste objetivo (1995, p.14,15).

Para Collins o conselheiro cristão, como seguidor de Jesus Cristo, tem os mesmos objetivos que ele, isto é, mostrar às pessoas como ter vida abundante e apontar a elas a vida eterna prometida aos que crêem. Evangelismo e discipulado são, portanto, seus objetivos mais altos. Mas, a fim de que o aconselhamento seja útil e eficiente é preciso que o conselheiro tenha objetivos específicos. Embora seja certo que estes objetivos variam de acordo com o problema do aconselhado, Collins lista alguns deles que deverão ser inclusos em qualquer caso, a saber: 1) Conduzir o aconselhado a uma compreensão de si mesmo, a fim de que obtenha um quadro real do que está passando, tanto em seu íntimo como no mundo que o rodeia. 2) Auxiliar o aconselhado na comunicação correta e eficaz de seus sentimentos, pensamentos e atitudes. 3) Levar o aconselhado a um abandono dos comportamentos negativos e conduzi-lo no aprendizado de atitudes mais eficientes. 4) Mostrar ao aconselhado a plenitude da vida em Cristo como meio de desenvolver seu mais alto potencial, através da maturidade espiritual alcançada sob o poder do Espírito Santo para, assim, encontrar a verdadeira realização. 5) Oferecer apoio, encorajamento e “divisão de fardos” em períodos de crise e tensão incomuns. 6) Ajudar o aconselhado a tratar das questões espirituais e capacitá-lo a encontrar crenças e valores significativos (1988b, p. 38-40).

Para Collins é necessário também que os conselheiros possuam qualificações que auxiliem na construção de um relacionamento terapêutico que permita ao aconselhado superar suas inseguranças e medos quanto ao aconselhamento. Desta maneira, características como cordialidade, sinceridade e empatia são essenciais para a eficácia do auxílio pastoral. Além delas, entretanto, o ajudador deve procurar desenvolver qualificações terapêuticas tanto quanto conhecer e utilizar com perícia as técnicas fundamentais de aconselhamento (1995, p.21).

Collins deixa claro que o aconselhamento difere de uma discussão casual entre amigos, pois se caracteriza por um propósito claro de ajuda. Também, as necessidades do ajudador não devem estar em jogo neste processo particular, devendo ser resolvidas, ou satisfeitas em outras ocasiões. O roteiro do aconselhamento envolve uma conscientização das necessidades do aconselhado e a comunicação de compreensão e desejo de ajudar.

### 2.3 TÉCNICAS BÁSICAS DE ACONSELHAMENTO

Embora a situação de ajuda seja um processo complexo, Collins define as seguintes técnicas como básicas ao aconselhamento: a **atenção**, o **ouvir**, o **responder**, o **ensinar** e o **filtrar**.

Por **atenção** compreende-se a disposição do conselheiro de conceder atenção integral ao aconselhado por meio de um contato com os olhos que transmita interesse e compreensão; uma postura relaxada que se volte em direção a ele; e um conjunto de gestos que transmitam naturalidade. Além, é claro de uma postura de amabilidade, bondade e motivação à compreensão.

O **ouvir** eficazmente envolve uma recepção ativa da mensagem que: não reaja de modo a interferir na livre expressão dos pensamentos do aconselhado; não se expresse em desprezo ou juízo quanto ao conteúdo de seus relatos; aguarde pacientemente durante períodos de silêncio ou lágrimas; ouça além do que o aconselhado diz; capte as mensagens transmitidas pelo tom de voz, postura e pistas não verbais; analise suas próprias reações; evite movimentar-se; não se desvie mentalmente do que esta sendo relatado; evite juízos antecipados e sentimentos que possam interferir na atitude de aceitação e simpatia; e compreenda a possibilidade de aceitar o aconselhado sem, necessariamente, aprovar suas atitudes ou comportamentos. Em resumo, este ouvir ativo é uma maneira de dizer ao aconselhado: “Eu me interessso”.

Por **responder**, Collins representa o interagir com o aconselhado, de modo que ele perceba o interesse do conselheiro, por meio de ações e participações verbais específicas, e compreende:

- *Liderar ou orientar* habilmente o rumo dos pensamentos do aconselhado e da conversa através de perguntas breves que tornem a discussão produtiva.

- *Refletir*, esporadicamente suas declarações a fim de que perceba e seja compreendido em seus sentimentos e pensamentos.
- *Perguntar* inteligentemente, de modo a extrair o máximo de informações úteis.
- *Confrontar*, quando necessário, alguma idéia do aconselhado, fazendo-o, talvez, percebê-la de outro modo.
- *Informar* ao orientado os fatos que necessitem de maior clareza para que ele tome suas decisões.
- *Interpretar*, isto é, explicar ao aconselhado o significado do comportamento dele, bem como eventos associados.
- *Apoiar* o aconselhado para que faça uma avaliação de seus recursos espirituais e psicológicos, encorajá-lo a ação e ajudá-lo diante de dificuldades e fracassos resultantes desta ação.

**Ensinar** envolve todo o processo de aconselhamento e, conseqüentemente, todas as técnicas descritas anteriormente. Collins afirma: “O conselheiro é um educador, ensinando através da instrução e do exemplo, e orientando o aconselhado à medida que ele ou ela aprende a enfrentar os problemas da vida” (1988, p. 45).

O conselheiro deve, também, saber **filtrar** as informações apresentadas pelo aconselhado que, inconscientemente, ou mesmo, deliberadamente, distorcem os fatos, deixando detalhes embaraçantes ou comprometedores de lado. Outras vezes o aconselhado busca ajuda para um certo problema, mas não consegue ver ou está relutante em apresentar outro problema mais profundo.

Cada aconselhado é único, portanto o processo de aconselhamento não pode ser definido como uma “receita de bolo”, pois varia de pessoa para pessoa. Cada aconselhamento, entretanto, apresentará diversas etapas, algumas das quais deverão ser repetidos várias vezes à medida que os problemas sejam considerados

e reconsiderados. Collins elabora um roteiro básico de aconselhamento que compreenderia:

A **Conexão**, estabelece o início, construção e manutenção de um relacionamento, através de um ouvir atento e demonstração de interesse sincero diante dos primeiros sentimentos, preocupações e problemas timidamente compartilhados pelo aconselhado.

A **Exploração**, que acontece a partir do momento em que o aconselhado já está encorajado a compartilhar mais abertamente seus sentimentos, falar sobre seus pensamentos e descrever suas ações. Nesta fase o conselheiro ouve ativamente, lança algumas questões e responde com respeito, empatia e sensibilidade, buscando obter um claro entendimento da situação problema.

O **Planejamento**, que ocorre quando o aconselhado já consegue visualizar o problema de uma perspectiva diferente e a discussão se move em direção a um traçado de metas e ações que poderiam ser tomadas a fim de solucioná-lo.

O **Progresso**, quando o conselheiro motiva o aconselhado a iniciar a ação planejada e seguir em direção às metas estabelecidas. Neste caso, serão necessários o suporte, encorajamento e direcionamento e, algumas vezes, uma reavaliação dos procedimentos diante de uma eventual experiência de fracasso.

O **Encerramento** do aconselhamento, quando conselheiro e aconselhado resumem o que foi aprendido e consolidado, antecipam algumas situações que o aconselhado poderá enfrentar de modo mais efetivo no futuro e evitam a impossibilidade de haver novos aconselhamentos, se necessários.

Segundo Collins, saltar os três primeiros estágios, como o fazem alguns conselheiros, torna o aconselhamento, com frequência, ineficiente. Ele compara esta atitude com a de um médico que realiza uma cirurgia sem tomar tempo para realizar um diagnóstico. Na verdade, os estágios de um aconselhamento raramente são identificados de forma definida. Seu progresso oscila entre todos eles à medida que o problema se torna claro e as soluções são encontradas e testadas.

Collins considera as psicoterapias como “teorias humanas de aconselhamento” e as toma juntamente com as abordagens bíblicamente

fundamentadas. Ele entende que todas as teorias são criadas por seres humanos falhos e que precisam ser revisadas conforme o conhecimento e compreensão aumentam. Embora não se descreva como eclético, o autor aponta para uma aceitação de um ecletismo responsável, “que não se constitua de uma coleção de idéias casuais e intelectualmente preguiçosas”, mas que se delineie a partir de várias fontes, numa abordagem séria que seja capaz de conduzir a um modo próprio de aconselhamento. Entende também que o próprio Jesus utilizou diversas abordagens de acordo com a necessidade do momento (1988, p. 48).

Esta idéia de síntese, como afirmado antes, remonta a um de seus primeiros livros (*Search for Reality*, 1969), no qual o autor aborda diversos aspectos da vida humana, considerando-os sob as duas visões, bíblica e psicológica, traçando as concordâncias e discordâncias entre elas e indicando meios para resolvê-las. Neste livro, ele já esboça certa preocupação de que a psicologia viesse a se tornar um ídolo e a base do trabalho da igreja, e adverte que ela deveria ser apenas uma ferramenta para tal trabalho.

## 2.4 RECONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA

Mais tarde, em 1977, em outro livro (*The Rebuilding of Psychology*), Collins, sem perder sua postura integracionista, assume uma visão mais crítica em relação à psicologia, recomendando uma profunda revisão de seus fundamentos e principais pressuposições (empirismo, determinismo, relativismo, reducionismo e naturalismo), cujo caráter ele alega ter uma séria tendência desumanizadora. O autor parte da idéia não convencional, que seria mais lógico erguer o edifício da psicologia sobre pressuposições que estivessem de acordo com a Bíblia e os ensinamentos derivados dela.

Collins afirma que há muitos psicólogos e estudantes de psicologia que têm interesse em religião, alguns inclusive propondo que ela seja reconsiderada em uma dimensão vertical, isto é, em relação a Deus. Mas, internamente na psicologia, há uma forte disposição em considerar fatos e argumentos que contradizem as crenças geralmente aceitas sobre o homem e sua conduta. Ele defende, então, que a

psicologia seria mais produtiva se fosse erguida sobre a premissa maior de que Deus existe e é fonte de toda verdade. Este seria o ponto de partida para a coleta de dados, construção de sistemas, desenvolvimento de terapias, entre outros.

O autor defende que tanto a atual pressuposição da psicologia, de que Deus não existe, quanto a sua proposta, que Deus existe, são teológicas. Inclusive, esta última, que é a fonte de toda a verdade, não é arbitrária e decretada como sendo verdade sem fundamentação, em outras palavras, ela não surge “do nada”, e há boas evidências para sua aceitação. Mais do que isso, ela é um ponto de partida muito melhor para a psicologia do que a hipótese contrária.

Sua proposta assume que, uma vez que a verdade, que provém de Deus, chega ao homem por meio de dois caminhos, teologicamente denominados de revelação geral e revelação especial, há uma maior fonte de dados para se trabalhar.

A revelação geral, também chamada de revelação natural, se refere às verdades que podem ser compreendidas através da natureza, ciência e história pela observação, investigação empírica, dedução, intuição e outras técnicas à parte da Bíblia. Porém, esta compreensão é incompleta, pois se o propósito de toda a ciência é estudar o que Deus revelou por meio da natureza, não pode ser desprezado o que ele manifestou de modo especial na Bíblia.

O homem constrói seu conhecimento a partir da observação e interpretação de fatos, entretanto, os fatos não podem ser observados e interpretados sem pressuposições que guiam este trabalho. Collins propõe, portanto, que a revelação divina capacita o cientista a um entendimento, esperança e abertura de espírito, que ele jamais teria de outra forma.

Deste modo, Collins afirma que se a humanidade aceita o fato de que Deus existe e é a fonte de toda verdade, deve aceitar também que ele não contradiz a si mesmo. A verdade, portanto, que vem por meio da revelação natural não pode contradizer aquela que vem pela revelação especial. Isto implica que o conteúdo da Bíblia e os conteúdos válidos da ciência devem estar em perfeita harmonia. Se isto não for verdade, alguns de nossos fatos e nossas interpretações estão errados (1977).

### 3 A ANÁLISE EXISTENCIAL E O ACONSELHAMENTO

Aqueles que de algum modo, e em alguma medida estão envolvidos com o aconselhamento cristão, não seriam sinceros em dizer que prescindem totalmente da psicologia para o seu trabalho. De fato, não seria sincero, nem correto, pois tanto a psicologia quanto a Bíblia falam a respeito do homem. Se por um lado esta mostra o que Deus revelou sobre o homem, aquela trata do que o homem tem descoberto a respeito de si mesmo e de seu comportamento (Collins, 1969). A Bíblia, que não é um texto científico, embora trate de relacionamentos e comportamentos humanos, inclusive relatando e oferecendo orientação para situações de ajuda, não reivindica ser a única fonte de revelação de Deus sobre isso, deixando aberta a possibilidade da utilização daquele conhecimento que Deus tem possibilitado ao homem desenvolver. Some-se a isso o fato de que a humanidade está imersa num ambiente que há muito assimilou idéias, terminologias e conceitos oriundos da psicologia, e que este processo se torna cada vez mais intenso na medida que o desenvolvimento tecnológico oferece dia a dia novos meios de disseminação do conhecimento. Nestas condições é impossível que alguém desenvolva qualquer atividade, em particular no cuidado de pessoas, e seja imune.

Num outro extremo, assumir plenamente a utilização de conceitos específicos e associar à prática do aconselhamento a uma determinada linha de pensamento ou metodologia psicológica, também não é correto. Neste sentido oferecer algo similar ao consultório de psicologia àqueles que procuram o escritório pastoral para apoio espiritual seria incoerente com os princípios bíblicos, injusto com os acadêmicos de psicologia e desonesto.

A via média seria em que, tratando o aconselhamento bíblico como aconselhamento bíblico e o atendimento espiritual como atendimento espiritual, não apenas se reconheça a influência das idéias e conceitos psicológicos nos quais estamos imersos, mas que também sejam conhecidas as técnicas e metodologias que, em alguma medida, possam tornar o atendimento do conselheiro mais eficaz, sem ferir os princípios bíblicos nem substituir os objetivos primários do aconselhamento. A dificuldade aqui está na forte disposição da psicologia, de um



modo geral, em considerar fatos e argumentos que confrontem ou contradigam os princípios bíblicos sobre o homem e seu comportamento (Collins, 1977).

Neste sentido, é surpreendente encontrar o proponente de uma importante escola de psicoterapia, Viktor Frankl, caminhando num sentido quase que oposto à grande maioria dos seus pares. É verdade que Frankl não é pastor e nem propõe tornar a Bíblia como manual de técnicas psicoterapêuticas, entretanto os seus pressupostos e sua compreensão do ser humano encontram muitos pontos de contato com os ensinamentos nela registrados. Não é sem razão que Elisabeth Lucas se refere a logoterapia como sendo a “psicologia das alturas”, porque ela ultrapassa a dimensão psíquica alcançando uma dimensão espiritual (1992a, p.32).

O primeiro aspecto relevante encontra-se nos fundamentos da Análise Existencial (desenvolvida como sendo uma linha de pesquisa antropológica), quando esta concebe o ser humano, existindo não apenas nas dimensões psíquica e física, mas também, e essencialmente, na espiritual. Esta espiritualidade é o que define o homem como pessoa única e é o diferencial em relação aos outros animais. Neste ponto Frankl se contrapõe àquelas psicoterapias que sustentadas na compreensão bidimensional do homem (psicofísico), o reduzem a um amontoado de instintos, cuja existência se define pela busca de prazer ou poder. O homem, entende ele, vai além do mecanismo biológico, e sua verdadeira necessidade é de um sentido, que somente compreendido a partir do homem espiritual (noético).

Observa-se que a compreensão desta pessoa espiritual, por Frankl, não se limita a aceitação de uma transcendência ou de uma dimensão metafísica, pelo contrário, além de admiti-la como essencial, é ali, diz ele, onde se encontram os valores e o sentido último do homem. Por outro lado, essa pessoa espiritual não é compreendida à parte, como sendo independente do organismo psicofísico, mas compondo o homem uno e total (psico-físico-noético). O corpo (*soma* e *psique*) é visto, como a imagem reflexa do espírito, mas não tomada como uma imagem fiel. Ela está distorcida e deformada pelo homem “caído”, e só seria perfeita no homem “transfigurado” (1995, p.84). Qualquer que seja a intenção de Frankl ao propor esta definição, o que transparece é que seus conceitos estão muito próximos de uma antropologia bíblica, e eles, até mesmo parecem refletir algumas afirmações bíblicas

como: “Pois, qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?” (1ª Coríntios 2.11), e também “Porque, agora, vemos em espelho, obscuramente; então veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei como sou conhecido” (1ª Coríntios 13.12).

Ainda com relação existência do homem, quando Frankl defende que o organismo psicofísico limita e condiciona o espírito, seu entendimento não aponta para uma metafísica de concepção platônica, que vê o corpo como o cárcere do espírito, o qual só se tornaria livre e pleno com a morte. Ao contrário disso, como ele mesmo afirma, “um organismo psicofísico funcional é a condição para que se desenvolva a espiritualidade humana” (1995, p. 85). Mais uma vez, predomina aqui a compreensão do homem como um todo, numa relação de conflito e dependência, onde o espírito, ainda que limitado pelo psicofísico, o instrumentaliza para organizá-lo e torna-lo útil.

É importante destacar aqui que Frankl entende a alma (psique) como parte do organismo psicofísico, o qual ele diferencia da pessoa espiritual (noética). Não se pode, porém, atribuir às suas idéias quaisquer semelhanças com a compreensão dicotômica (corpo e alma ou espírito) e tricotômica (corpo, alma e espírito), da constituição do ser humano, esposadas por alguns teólogos, pois a unicidade da pessoa humana é enfaticamente afirmada por este autor. Por outro lado, esta relação dependência-conflito remete a descrição paulina da luta entre o seu interior e sua carne: “Porque, no tocante ao homem interior tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros, outra lei que guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Romanos 7.22-23).

Outro aspecto importante do pensamento de Frankl é a compreensão de que a verdadeira aspiração do homem não é de prazer e sim de valor, que a existência humana se realiza na medida em que cumpre obrigações e exigências e realiza sentido e valores. Sem dúvida esta perspectiva se choca frontalmente contra qualquer perspectiva hedonista oriunda de outras escolas psicoterapêuticas e até mesmo grande parte dos filósofos existenciais. O próprio Frankl sinaliza que, de fato em alguma medida se distancia do existencialismo. Essa idéia de valores e

obrigações a cumprir é algo de modo nenhum estranho ao Cristianismo, que ao contrário da cosmovisão contemporânea defende a existência de valores absolutos.

Embora Frankl não se refira explicitamente a valores pré-estabelecidos e sim de valores inerentes ao espírito humano, que podem ser compreendidos como totalmente subjetivos, ele parece apontar para absolutos que estão acima de qualquer influência ambiente ou hereditariedade e chega mesmo a referir-se a valores que teriam sido incrustados no próprio inconsciente espiritual do homem pela mão do próprio Deus. Para ele, o homem não apenas aspira valores e sentido, ele é responsável por eles, uma responsabilidade que se estabelece, como vimos, em relação a algo e “perante” algo ou alguém.

Essa responsabilidade, diferentemente do ponto de vista psicanalítico, não é exercida na dimensão do psicofísico como uma necessidade do ego de conter o id reprimindo-o através do superego. Ela se estabelece na transcendentalidade do homem perante a consciência, faz parte da pessoa espiritual. No dizer do próprio Frankl: “Detrás do superego do homem está o tu de Deus, a consciência seria a palavra tu da transcendência” (1995, p.113).

A responsabilidade se estabelece também na Análise Existencial como aquilo que dá sustentação à liberdade, pois o homem não é um ser simplesmente livre, mas que decide livremente. O decidir por sua vez, implica que algo prévio como o porque, ou o contra que se decide.

Liberdade, responsabilidade, valores absolutos preestabelecidos e necessidade de decisão são concepções que soam muito próximas das proposições bíblicas que certamente fazem parte do repertório utilizado pelo conselheiro cristão tanto para o diagnóstico quanto para as exigências para confrontação do aconselhado. Não resta aqui qualquer dificuldade em aplicar o método de análise de Frankl e até mesmo aprender um pouco mais sobre como estes fatores, ou a ausência deles, se relaciona com as dificuldades enfrentadas por aqueles que procuram sua ajuda.

A Análise Existencial cumpre, também, as exigências básicas delineadas por Gary Collins quanto à construção de uma nova psicoterapia, pois embora Frankl, provavelmente, não possua as mesmas concepções a respeito de Deus que aquele

conselheiro cristão, não nega sua existência (de Deus), nem propõe idéias que confrontem o que está registrado no livro que é aceito como sua revelação direta, a Bíblia.

Também, quando considerado o caminho proposto por Collins para o aconselhamento, isto é: liderar, refletir, perguntar, confrontar, informar, interpretar, apoiar, ensinar; percebe-se que a compreensão apresentada pela Análise Existencial abre caminho para a própria apresentação não somente de uma “cura para a alma”, mas da própria “salvação da alma”, objeto último da religião. Sua ênfase na busca de sentido e a compreensão clara de Frankl, de que o sentido último se encontra no “*personalíssimo*” que se estabelece como o “tu” (Deus) perante o qual, em última instância se é responsável; possibilita a apresentação da “vida abundante” descrita nos textos bíblicos, que, acima de tudo só é plena quando é abundante de sentido.

Não há nenhuma dificuldade, afinal, para os cristãos, quanto mais seus conselheiros em utilizar-se das idéias de alguém que aponta para a condição hodierna em que o homem se envergonha da espiritualidade e que propõe um retorno a essa compreensão do espiritual como antídoto para o vazio existencial, experimentado de forma coletiva pelo homem contemporâneo.

Não deve haver dificuldade alguma em aceitar como parte do trabalho de aconselhamento a compreensão de um homem que entende que sempre há um sentido para a existência, quando o ser humano compreende que não existe em função de si mesmo, mas em função do outro, pelo qual ele deve se entregar, se abandonar, se sacrificar.

Não pode existir resistência em utilizar-se do entendimento de alguém que consegue perceber que, quando todo sofrimento, todas as lutas, todos os problemas não parecem fazer qualquer sentido, ainda assim há um sentido que transcende toda a experiência humana e perante o qual até mesmo a mais absurda tragédia humana se torna compreensível.

Diante de cada uma destas proposições o cristão é lançado instintivamente para o texto bíblico e vê ressoar ali essas convicções, porque o próprio Frankl admite: “por trás desta necessidade psicoterapêutica se encontra a velha e eterna

necessidade metafísica, ou seja, a necessidade do homem de prestar contas a si mesmo sobre o sentido da existência” (1995, p. 129).

## CONCLUSÃO

Diante de todos os temores expressados por Gary R. Collins com relação aos pressupostos das escolas psicoterapêuticas quanto a negação da existência de Deus e ênfase em idéias que contradizem sua palavra revelada, a Bíblia; a obra de Viktor Emil Frankl, a Análise Existencial e a Logoterapia mostram-se como uma resposta até mesmo para a proposta registrada no livro *The Rebuilding of Psychology* (Collins, 1977).

À medida que se descortinam as proposições e idéias de Frankl, apesar de todos o desenvolvimento científico e filosófico com que ele sustenta a cada uma delas, o cristão é, sem dúvida, imediatamente confrontado com diversos princípios bíblicos, ainda que não tenha sido este o propósito último do autor.

Frankl com sua proposta de reversão da “coisificação” impetrada ao homem pela filosofia e psicologia modernas, fornece fortes argumentos para o trabalho do conselheiro frente ao homem secularizado. Sua “redescoberta” da dimensão espiritual do homem e da sua necessidade de sentido e de valores frente ao vazio existencial reinante é ferramenta preciosa para confrontação de uma vida cristã vazia, desconectada dos valores espirituais e, por isso mesmo desajustada. Sua ênfase na responsabilidade humana frente a sua liberdade de decisão lança desafios a todos aqueles que querem viver de acordo com os valores bíblicos.

Não há duvida que o estudo a Análise Existencial e das técnicas da Logoterapia, longe de oferecer perigo, será uma ferramenta extremamente útil ao trabalho dos conselheiros e líderes cristãos, podendo inclusive servir como antídoto contra os conceitos da psicologia moderna, claramente antibíblicos já internalizados por todos os que vivem estes tempos de pós-modernidade.

Fica evidente, entretanto, que a obra de Frankl, conquanto já esteja estabelecida desde meados do século XX, é muito pouco conhecida no meio protestante, até mesmo pelos conselheiros e líderes cristãos que parecem conhecê-lo somente através daquelas idéias e pensamentos que já se tornaram “lugar comum”, carecendo de uma compreensão mais profunda que certamente conduziria

a uma maior apreciação do seu trabalho. O próprio Collins, cuja disposição de utilização dos recursos psicológicos no aconselhamento é declarada abertamente, não apresenta uma referência mais profunda ao trabalho de Frankl.

Quaisquer que sejam os motivos de Collins ou de outros teorizadores do Aconselhamento Bíblico para não conhecerem, ou apenas não se referirem a Frankl mais intensamente, é certo que este trabalho é apenas um pequeno passo no muito que há ainda para se conhecer de todo este patrimônio deixado pelo homem, que mais do que teorizar a respeito do comportamento humano pôde vivenciá-lo e observá-lo de perto sob as condições mais extremas que qualquer homem deveria experimentar.

Se nos perguntarem sobre a experiência fundamental que passamos nos campos de concentração – nessa existência no abismo –, então poderemos ressaltar, como quintessencialidade de tudo o que foi vivido por nós: aprendemos a conhecer o homem como talvez nenhuma geração até agora. O que é, pois, o homem? É o ser que sempre decide o que é. É o ser que inventou a câmara de gás, mas ao mesmo tempo também é o ser que foi às câmaras de gás de cabeça alterosamente erguida e o Pai-nosso ou o Sh'ma Yisrael nos lábios. (Frankl, 1995, p. 213).

## REFERÊNCIAS

BEAUFRET, Jean. ***Introdução às Filosofias da Existência: de Kierkegaard a Heidegger***. São Paulo. Duas Cidades, 1976.

CLEBSCH, William A.; JAEKLE, Charles R. ***Pastoral Care in Historical Perspective***. New York. Jason Aronson, 1983.

COBRA, Rubem Q. - *Viktor Frankl*. COBRA PAGES: [www.cobra.pages.nom.br](http://www.cobra.pages.nom.br), Internet, Brasília, 2001.

COELHO JUNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. ***As Dimensões Espiritual E Religiosa Da Experiência Humana: Distinções E Inter-Relações Na Obra De Viktor Frankl***. Psicol. USP, São Paulo, v.12, n.2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Dec. 2008. doi: 10.1590/S0103-65642001000200006.

COLLINS, Gary R. ***Search for Reality: Psychology and the Christian***. Wheaton, Illinois, Key Publishers, 1969.

\_\_\_\_\_, ***Effective Counseling***. Illinois, Ceation House, 1974.

\_\_\_\_\_, ***The Rebuilding of Psychology: An Integration of Psychology and Christianity***. Wheaton, Illinois, Tyndale House, 1977.

\_\_\_\_\_, ***Can You Trust Psychology: Exposing the Facts and The Fictions***. Downers Grove, Carol Stream, Illinois, InterVasity Press, 1988a.

\_\_\_\_\_, ***Christian Counseling: A Comprehensive Guide***. Word Publishing, Dallas, 1988b.

\_\_\_\_\_, ***Aconselhamento Cristão***, São Paulo, Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_, ***Ajudando uns aos outros pelo Aconselhamento***. São Paulo, Vida Nova, 2ª Edição, 1996.



FABER, Heige e SCHOOT, Ebel Van Der. ***A Prática da Conversação Pastoral***. São Leopoldo, Sinodal, 1978.

FRANKL, Viktor E. ***Em Busca De Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração***. São Leopoldo, Sinodal, 1987.

\_\_\_\_\_. ***A Questão do Sentido em Psicoterapia***, Campinas, SP, Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. ***A Psicoterapia na Prática***, Campinas, SP, Papirus, 1991a.

\_\_\_\_\_. ***Psicoterapia para Todos***, Petrópolis, Vozes, 1991b.

\_\_\_\_\_. ***A Presença Ignorada de Deus***. Petrópolis, Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. ***Logoterapia e Análise Existencial***. Campinas, SP, Editorial Psy, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. ***Uma Filosofia do Cogito Ferido: Paul Ricoeur***. ***Estud. av.***, São Paulo, v.11, n.30, Aug. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000200016&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200016&lng=en&nrm=isso). Acesso em: 12 Dec. 2008. doi: 10.1590/S0103-40141997000200016.

HURDING, Roger F. ***A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia***. São Paulo, Vida Nova, 1995.

LAPORTE, Ana Maria Alexandre e VOLPE, Neusa Vendramin. ***Existencialismo: Uma Reflexão Antropológica e política a partir de Heidegger e Sartre***. Curitiba, Juruá, 2000.

LUCAS, Elisabeth. ***Assistência Logoterapêutica***. Petrópolis, Vozes, 1992a.

\_\_\_\_\_. ***Prevenção Psicológica***. Petrópolis, Vozes, 1992b

MCNEILL, John T. ***A History of the Cure of Souls***. New York : Harper & Row, 1977.

MORA, José Ferrater. ***Dicionário de Filosofia***. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.

NIEBUHR, H. Richard; Williams, Daniel D. ***The Ministry in Historical Perspectives*** New York: Harper & Brothers, 1956.

PERDIGÃO, Paulo. ***Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre***. Porto Alegre. L&PM, 1995.

RODRIGUES, Roberto, ***Fundamentos da Logoterapia: na Clínica Psiquiátrica e Psicoterapêutica*** – vol II. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

SCHAEFFER, Francis. ***A Morte da Razão***. São Paulo. Cultura Cristã, 2002a.

\_\_\_\_\_, ***O Deus que Intervém***. São Paulo. Cultura Cristã, 2002b.

\_\_\_\_\_, ***O Deus que se Revela***. São Paulo. Cultura Cristã, 2002c.

SODRE, Olga. ***Contribuição da Fenomenologia Hermenêutica para a Psicologia social***. **Psicol. USP**, São Paulo, v.15, n.3, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-5642004000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-5642004000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Dec. 2008. doi: 10.1590/S0103-65642004000200004.

TOURNIER, Paul. ***Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho***. São Paulo, ABU, 1985.